

LEONARDO BOFF. *A Águia e a Galinha*. Uma metáfora da condição humana. Petrópolis, Vozes, 1997. Id. *O Despertar da Águia*. O dia-bólico e o simbólico na construção da realidade. Ibid., 1998.

Etienne A. Higuete*

Os dois livros constituem um conjunto, o segundo desdobrando na polaridade do dia-bólico e do sim-bólico a metáfora da condição humana contida na história da águia e da galinha. A história veio do folclore africano e foi usada na luta pela libertação de Gana do domínio britânico. Depois de muitas reedições dos textos, vale mais ainda a sugestão do autor, de ler e reler com os próprios olhos. A história da águia, salva da morte e criada como galinha por um camponês africano e reencontrando às custas de muita luta a liberdade de voar às alturas, traz a oportunidade de retraduzir em forma de auto-ajuda espiritual idéias já presentes em publicações anteriores. O desejo do autor é que a águia e a galinha se transformem para nós em "símbolos e sacramentos da busca humana por integração e por equilíbrio dinâmico" (I, 10). O melhor ambiente para a leitura deve ser silvestre, cheio de gritos de animais e de cantos de passarinhos. O estilo é poético, há lindas fotos e um interessante glossário no final de cada volume.

Percorrendo as novas descobertas da astronomia, da física e da biologia, assim como as novas perspectivas das ciências humanas, Leonardo Boff nos oferece uma longa meditação sobre o mistério do mundo e do ser humano, que pode realmente despertar "o sentimento de auto-estima, a capacidade de dar a volta por cima nas dificuldades quase insuperáveis, a criatividade

diante de situações de opressão coletiva que ameaçam o horizonte da esperança" (I, 37).

O lado-águia, aquele que tem dentro de si o chamado da liberdade e do infinito, recebe mais incentivos, pois é a maior necessidade do atual momento. Precisa, contudo, ser equilibrado pelo lado-galinha, mesclando assim numa unidade complexa "realidade e sonho, necessidade e desejo, moral e ética, história e utopia, fato e idéia, enraizamento e abertura, corpo e alma, poder e carisma, religião e fé, partícula e onda, caos e cosmos, sistema fechado e sistema aberto, entre outros" (I, 71). Em resumo, "sejamos galinhas e águias: realistas e utópicos, enraizados no concreto e abertos ao possível ainda não ensaiado, andando no vale mas tendo os olhos nas montanhas. Recordemos a lição dos antigos: se não buscarmos o impossível (a águia) jamais conseguiremos o possível (a galinha)" (I, 103). Só assim poderemos superar a crise social e ambiental que atravessemos.

É preciso apelar para a solidariedade, para a compaixão e a sinergia na construção do humano. O movimento da vida personaliza-se nos heróis e nas heroínas, que são arquétipos, grandes símbolos ou paradigmas do inconsciente coletivo. O processo de individuação do herói/heroína pode realizar-se em seis situações existenciais diferentes: no enfrentamento do desamparo e do sentimento de perda ou abandono, surge a figura do agüente, da *resistência* e da *coragem*; na saída do abandono, vem o arquétipo do *caminhante* ou *peregrino*; no combate pela vida, aparece o tipo do *lutador* que vence o mundo; o arquétipo da doação de si, da renúncia e do sacrifício é o *mártir* que arrisca a vida sem amor à dor; em quinto lugar encontramos o *sábio*, que sabe das coisas e as saboreia do ponto de vista do Absoluto; o *mago*, enfim, está conectado com as energias secretas do universo e nos faz vislumbrar a unidade de todas as coisas no oceano divino.

Numa visão evolutiva de dimensões universais (e de inspiração teilhardiana), a morte e a queda representam momentos de transformação dentro

* É professor da Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

de um processo maior. São superadas pela força regeneradora do amor incondicional, amor-solidariedade que constitui a grande comunidade cósmica, terrenal e humana. Nesse movimento, são importantes as figuras exemplares que “viveram as várias figuras do herói/heroína interior e realizaram seu arquétipo fundamental com tal profundidade que eles mesmos se tornaram arquetípicos e simbólicos” (I, 137). Entre outros, citemos Jesus, Francisco de Assis, Dalai-Lama, cuja missão principal é ensinar-nos permanentemente o cuidado do Ser em todas as suas dimensões, corporal, mental e espiritual. “O Sol representa o arquétipo da síntese entre o humano e o divino, entre o ser corporal, mental e espiritual e entre a águia e a galinha. O Sol, numa palavra, é o centro vivo e irradiador da vida humana” (I, 151). O Sol provoca a experiência do Numinoso, da ressonância dentro de nós das coisas que transmutam-se em realidades simbólicas e sacramentais, produzindo um novo estado de consciência, testemunhado pelos místicos.

O ser humano – que possui naturalmente interioridade – recebe a chance de reencontrar o Infinito no grande Útero primordial. Em Jesus encontramos a síntese, ou melhor a transparência do imanente para o transcendente, para a vida divina. Chegamos à união da águia com a galinha.

O segundo volume está construído em torno da polaridade fundamental sim-bólico/dia-bólico e de uma série de polaridades derivadas. Dá mais atenção à crise demente da nossa civilização e à emergência de uma civilização planetária no cosmos e na história. A dialética do sim-bólico e do dia-bólico representa a tensão entre o movimento de convergência e re-união e o movimento de desunião, separação, oposição, que caracteriza a realidade natural e humana. A tese central é que “o homem se constrói e deve construir-se, não apesar da contradição dia-bólico / sim-bólico ou águia / galinha, mas com e através dessa contradição. Na construção do humano entram o caos e o cosmos, o *demens* e o *sapiens*, o dia-bólico e o sim-bólico” (II, 17).

A lógica complexa do universo, sempre à procura do equilíbrio dinâmico, percorre indefinidamente os estágios de organização - desorganização - interação - reestruturação - nova organização. Urge construir uma nova civilização que possa re-ligar o ser humano com a comunidade dos seus semelhantes e dos seres vivos, da terra e do cosmos, do Criador afinal. Pois o poder civilizacional que surgiu no neolítico está se esgotando e se tornando destruidor. O projeto antropológico da vontade de poder e dominação deve ser substituído por um novo padrão civilizatório, mais sintonizado com a lei fundamental do universo que é a panrelacionalidade, a sinergia e a complementaridade. O elo re-ligador será uma nova experiência do Sagrado, uma nova religião que supere os dualismos da religião patriarcal, integre o masculino e o feminino (animus e anima) e sublinhe o panenteísmo pelo qual se afirma: Deus está em todas as coisas e todas as coisas estão em Deus. Só assim a *globalização* e a *mundialização* poderão ser cooperativas e não competitivas.

Falando da vida, Leonardo Boff argumenta sobretudo a partir da relação estrutura / auto-organização ou complexidade / interioridade-consciência na biologia contemporânea (Maturana, Varela, De Duve). Na história humana e na construção da subjetividade pessoal, os processos da evolução bio-sócio-cultural se especificam numa série de polaridades ou metáforas derivadas, que correspondem *grosso modo* à polaridade da águia e da galinha, do sim-bólico e do dia-bólico. Na conclusão, o ritual andino da luta entre a águia (o condor) e o touro representa metaforicamente pela última vez - agora, no contexto latino-americano dos povos vencidos e das culturas oprimidas - a condição humana, a história e o universo.

Tentando ler com os olhos das leitoras e dos leitores de *Mandrágora*, desenvolvemos a seguir o tema do feminino. Usando os nossos olhos, falaremos depois da utopia. A emergência do feminino - que não se identifica com a mulher, assim como o masculino não coincide com

o homem - acontece como uma das últimas revoluções do neolítico, que desmascara “a presença do poder masculino em todos os campos da vida familiar e social, nas expressões da linguagem, na formulação dos saberes e na instituição de ritos e tradições, denunciando o patriarcado como poder opressor da mulher e do próprio homem. Especialmente o ecofeminismo obrigou o masculino e toda a cultura a uma redefinição no sentido de mais equilíbrio e de relações mais inclusivas e participatórias” (II, 28). Aliás, o projeto de dominação patriarcal, que visava ao controle total da natureza pelo homem, marginalizou a mulher enquanto a identificava com a natureza submetida ao homem. O feminino se define como “capacidade de captarmos totalidades articuladas, de termos inteireza, de cultivarmos o mundo interior, de desenvolvermos níveis profundos de espiritualidade, de pensarmos por intermédio do corpo, de apreendermos, na nossa intimidade, as ressonâncias do mundo interior em termos de símbolos e de arquétipos, de darmos espaço à ternura e ao cuidado, de abrir-nos ao sentimento, à gratuidade e à sensibilidade para com o mistério das pessoas, da vida e do inteiro universo” (II, 35-36). Por sua vez, o masculino é “a capacidade de ordenação, de racionalização, de abertura de caminhos, de superação de dificuldades e de construção de um projeto de vida ou de civilização” (II, 36).

Importa recuperar a dimensão do feminino, recalcada no período patriarcal, para que ela nos abra ao sagrado e ao numinoso, na experiência seminal da nova civilização da re-ligação, do reencantamento da natureza e da veneração pelo universo. Na mulher, o feminino se adensa mais que o masculino, enquanto no homem, o masculino se adensa mais que o feminino. Mas, conforme os psicólogos, o *animus* e a *anima* são determinantes em cada ser humano. Em consequência, homem e mulher são sempre diferentes e completos em si mesmos, mas são sempre recíprocos e complementares. Hoje, conscientemente, a humildade procura acolher a diferença, incentivar

a reciprocidade e valorizar a complementaridade entre os sexos. Homem e mulher tem dentro de si a totalidade masculina e feminina, cada qual devendo realizar a síntese a partir de sua situação concreta ou de homem ou de mulher.

Por interesse pessoal, vamos falar um pouco da utopia. As utopias são os sonhos que nos orientam, são o húmus que permite continuamente projetar novas formas de convivência social e de relação para com a natureza, são as visões de futuro que ocupam as mentes e o imaginário coletivo através das escolas, dos meios de comunicação e da nossa capacidade de criar valores. Uma sociedade não vive apenas do funcionamento de suas instituições e de suas tradições. Para manter-se e continuar a desenvolver-se, a sociedade precisa de um projeto histórico e de um horizonte utópico. Sem uma utopia e sem um sonho coletivo, uma sociedade estagna, regride ou se deixa dominar pelos padrões de outras mais fortes. “A utopia é aquele conjunto de projeções, de imagens, de valores e de grandes motivações que inspiram sempre práticas novas e conferem sentido às lutas e aos sacrifícios para aperfeiçoar a sociedade” (II, 98). A utopia pertence ao caráter virtual da realidade, que a prática humana procura transformar em real, sendo que a utopia está sempre um passo à frente. A utopia funciona como crítica das realizações históricas, que podem ser sempre aperfeiçoadas. E, em segundo lugar, a utopia serve de provocação para mantermos a história sempre aberta. Os portadores privilegiados da utopia são os marginalizados e excluídos dos sistemas de convivência. Eles são os que sonham com um tipo de sociedade na qual todos caibam.

Terminando a leitura, não podemos deixar de agradecer ao autor por mais uma obra profunda e entusiasta, cheia de força de convicção e de espiritualidade, sem esquecer a beleza do estilo e a suntuosidade das imagens e dos símbolos. Muitos elementos já presentes na pesquisa anterior encontram-se “rearranjados” numa nova sinfonia. Não faltam repetições, mas, como a música de

Philip Glass ou no Boléro de Ravel, aparecem sutis novidades a cada releitura da mesma linha melódica, suficientes para quebrar a monotonia.

O projeto de Leonardo Boff não deixa, contudo, de apresentar alguns riscos. Em primeiro lugar, um risco de simplificação das situações analisadas e das teorias científicas que tentam compreendê-las, em todos os campos: astronomia, física, biologia, psicologia e ciências sociais. Boff nivela os modelos teóricos, reduzindo o social e o político ao biológico, ao orgânico e ao energético e apagando a especificidade das relações sociais e intersubjetivas. O organicismo já abriu espaço ao totalitarismo. O uso metafórico e antropomórfico das teorias científicas permite o anúncio de um novo paradigma científico e até civilizacional? Podemos estar transformando as metáforas em conceitos, as imagens em conhecimento verificado, os desejos, sonhos e utopias em realidades, as possibilidades em efetividades. A correspondência analógica das múltiplas polaridades que derivam da alegoria inicial não autoriza a passagem de um campo ao outro sem levar em conta a especificidade dos fenômenos e dos métodos. O nosso autor esquece-se das causas concretas da miséria, da injustiça, da violência, privilegiando as relações longas em detrimento das curtas; deixa em segundo plano as necessárias mediações sociais, econômicas, políticas, procurando soluções no aconselhamento psicológico e na espiritualidade; apaga o exílio e o êxodo, encurtando o caminho da libertação na euforia da "pátria da identidade" contemplada na natureza. O deslumbramento frente à terra vista de longe (II, 86) não seria a noite onde todos os gatos são pardos?

A simplificação resulta da abstração e tem como consequência a perda do concreto: do cotidiano, dos conflitos locais e mundiais... A exaltação do princípio ético faz esquecer a caminhada da moral. A visão global da evolução cósmica pode tornar insensível às grandes tragédias humanas: além do Kossovo, várias na África e na Ásia, quase todas esquecidas pela mídia. O arco-íris da solidariedade ofusca a necessidade do

gesto concreto, da luta cotidiana pela cidadania. A abstração vincula-se à espiritualização que passa por cima do concreto histórico. O imanentismo holístico-espiritual oculta a alteridade, a exterioridade e a diferença. A nova religião integradora não seria o velho monismo gnóstico? A responsabilidade frente ao rosto do outro não se dissolve no sonho da eternidade?

Desembocamos afinal num otimismo (teilharadiano) excessivo baseado num evolucionismo ingênuo ou na volta do mito do progresso. Falta o sentimento do trágico, uma dose de princípio protestante, a consciência da ambigüidade de toda realidade finita... O simbólico é tão ambíguo quanto o dia-bólico, a águia tanto quanto a galinha, o sacramental quanto o profético e o crítico. Por exemplo, reforçar o nosso lado-águia pode valorizar excessivamente o lado masculino, favorecendo a perpetuação do preconceito machista. Ainda mais quando se identificam - mesmo metaforicamente - a águia, o simbólico, o masculino e a luz, de um lado; a galinha, o diabólico, o feminino e o obscuro, do outro lado. Nem toda evolução é positiva, a mudança ou a novidade em si não é um bem nem um mal, pode ser progresso, pode ser também involução ou decadência. Novas possibilidades são criadas, enquanto outras são destruídas. E ainda precisa aparecer alguém para agarrar e desenvolver as possibilidades presentes. Não vemos porque uma nova civilização seria mais inclusiva e mais ética que a antiga. Será diferente, nada garante que será melhor. O novo paradigma da globalização e da mundialização significa também multiplicação da dominação e destruição do singular cultural e pessoal. Na nossa opinião, não há progresso moral na história da humanidade, apenas progresso cultural na compreensão e elaboração dos valores, não na prática que tenta lhes corresponder. A amorização não é um processo cumulativo, o ódio e o medo coexistem com o amor e a esperança. Aliás, a esperança desmente continuamente as previsões.